

SÉRIE AQUILOMBÔ E A PUBLICAÇÃO COMO RESISTÊNCIA NEGRA

MARCO FÁBIO DE FARIA

Resumo

>

Este artigo tem, por objetivo, apresentar a Série Editorial Aquilombô, uma atividade do Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô. Trata-se de um trabalho de caráter panorâmico, em que são abordados os seguintes pontos: o conceito de quilombo e sua aplicabilidade como epistemologia política para a empregabilidade de artistas negros; os processos que levaram a criação do Fórum, bem como sua função social e política; e a postura ética e estética que move as publicações da Série Aquilombô, com uma descrição de seus livros.

Palavras-chave:

Quilombo como tecnologia. Fórum Permanente das Artes Negras. Série Aquilombô.

SÉRIE AQUILOMBÔ E A PUBLICAÇÃO COMO RESISTÊNCIA NEGRA

MARCOS FÁBIO DE FARIA¹

¹ Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-MG. Professor Assistente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Dramaturgo do Grupo dos Dez e Editor e Curador da Série Editorial Aquilombô. Este texto foi realizado com recursos do programa PD-SE-CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6134-5120>. Email: grupodosdez@gmail.com

De onde partimos?

De acordo com Beatriz Nascimento (1985), o conceito quilombo (kilombo), enquanto instituição, surge do reconhecimento dado, em Angola, à sociedade Imbagala por volta dos anos 1560. Tratavam-se de guerreiros, nômades e antropófagos, além de terem desenvolvido uma forma de construção social particular, que se dava por meio de iniciação dos adolescentes e estrangeiros que eram incorporados pela etnia e, dentro dessa complexidade, criaram uma estrutura de resistência à colonização portuguesa, que era focada no mercado negreiro. Além disso, os Imbagalas se ocupavam de dominar algumas regiões de Angola, criando, assim, uma disputa e descentralização dos domínios institucionais do país. Dessa maneira, a palavra quilombo recebia um sentido polivalente, sendo extensivo à organização social, aos locais e casas sagradas, aos acampamentos de escravos fugitivos do comércio português e, sobretudo, aos sujeitos que, uma vez passados pela iniciação, se tornavam Kilombo quando incorporados aos Imbagalas.

Já no Brasil, a nomenclatura, criada com interferência pejorativa portuguesa, era denominadora de qualquer moradia de escravos fugidos, mas, ainda, reservava em seu sentido uma espécie de brecha do sistema escravista ainda no século XVI, apontando para suas falhas. Essas organizações, que se espalhavam como fraturas nos sistemas imperiais, determinavam, também, sistemas sociais alternativos e de proteção, em que, ao contrário dos Jagas de Angola, mas com alguma aproximação a eles como foi o caso de Palmares, não tinha a iniciação como princípio para inserção do negro que fugia dos escravagistas, mas pelas relações propriamente físicas que tornavam os negros inimigos do império, ou melhor, tendo, no império, um inimigo mortal. As formas organizativas dos quilombos, inevitavelmente, geraram uma gramática social à contrapelo dentro do império, além de determinar, com exatidão, os inimigos comuns ao povo negro, que não era somente o senhor de escravo em si, mas todo o sistema escravocrata, portanto, como ressalta Clóvis Moura, “O quilombo podia se formar de diversas maneiras, mas após formado, o comportamento dos seus membros era o mesmo: organizar-se para a resistência social” (MOURA, 2001, s./p.).

Somente no século XIX que o conceito de quilombo adquire um valor ideológico e, então, assume um posto de resistência estendida para toda a comunidade negra, sobretudo nas periferias rurais, em princípio, e depois às concepções contemporâneas de comunidades nas periferias urbanas. Durante a década de 1970, por exemplo, esse conceito se estabelece como uma maneira de tensionar os discursos do colonialismo cultural e, então, passa articular sistemas epistemológicos de reinserção e, até mesmo, de busca das identidades étnicas via uma herança africana, sobretudo pelas reminiscências ancestrais e, também, de relações religiosas e de procedimentos que, ainda com algumas modificações, demarcavam uma possibilidade de revisar a história do negro Brasil. Assim, essas relações de interação com um projeto de rever as identidades desterradas no tempo e no espaço, criaram uma perspectiva ideológica e a noção de “Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento

negro e esperança para uma melhor sociedade” (NASCIMENTO, 1985, p. 47) ao mesmo tempo em que passa a ocupar uma rede associativa de valores no que tange a resistência cultural afro-brasileira.

De uma compreensão histórica dos processos que marginalizaram e, ao mesmo tempo, romperam a condição de humanidade dos sujeitos negros ao longo da historiografia brasileira, o conceito de quilombo, por sua vez, aparece e se instaura como um princípio comum de sobrevivência da população afro-brasileira, mesmo que uma parte significativa da população, inclusive negra, esteja à revelia desse saber. Como menciona Lilia Moritz Schwarcz (2019), esses processos violentos acabaram por serem definidos, à luz do sistema escravocrata, como uma linguagem enfurecida e perpetrada no imaginário social, de maneira que, mesmo vivendo dentro de uma guerra civil silenciosamente encoberta, ao mesmo tempo que praticada pelos sistemas governamentais, há uma dificuldade comum em elaborar a condição negra no país. Ainda segundo Schwarcz, se tomarmos por exemplo o ano de 2012, em que a taxa de homicídios esteve na casa dos 56 mil assassinatos, dentro dessas cifras um “total de 30 mil eram jovens entre quinze e 29 anos, e desses, 77% eram negros” (SCHWARCZ, 2019, p.33) – valores que se aproximam, por exemplo, aos conflitos sírios, 60 mil mortes por ano, da Guerra do Iêmen, com 25 mil homicídios por ano e Afeganistão, com 50 mil mortes anuais –, essa denominação não deveria ser questionada, mas reconhecida como barbárie.

Não por acaso, esses valores, ainda que extremos, se instauram dentro de uma normalidade das configurações do negro em sociedade e que é corroborado com os sistemas de criação de imagem e, também, de imaginário estereotipado sobre a população negra, como a caricatura que figura o personagem Macunaíma, de Mário de Andrade. De acordo com Rosane da Silva Borges, sobre a construção de uma imagem negra, mesmo “a despeito de algumas mudanças a respeito da imagem do negro, existe uma matriz que se replica, um padrão que define o lugar do negro no sistema de representação” (BORGES, 2012, p. 188), e essa realidade se

aplica em todos os espaços de poderes que, no Brasil, majoritariamente, estão ocupados pela população branca. Isso, ainda segundo Borges, tem uma vinculação direta que com as imagens do passado, que configuraram com demasiado força uma inserção massiva e massificante dos lugares de pertencimento do negro.

Não seria diferente, defende Schwarcz, uma vez que a linguagem da escravidão está entranhada nas estruturas, que preservam, em todas as suas bases – econômicas, políticas e sociais – uma herança colonial e que criou as formas ontológicas que são basilares da sociedade brasileira, gerando, assim, uma máquina viciada de patrimonialismo, mandonismo e, também, de uma cultura de latifúndio que, neste caso, extrapola a posse de terras e se espalha para a política, pelas instituições públicas e, naturalmente, nas privadas. À partir desse universo semântico, buscando uma alternativa para reestruturar, ainda paliativamente, um seguimento da classe artística negra, que foi criado o Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô, que tem suas básicas éticas e estéticas diretamente ligadas à forma quilombola de resistência física e intelectual, bem como todas as ações que é desenvolvida pelo Fórum, como a Série Editorial Aquilombô.

O Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô

O nome Aquilombô não se trata, somente, de uma referência à um movimento político-ideológico de estruturar uma identidade afro-brasileira pelas suas marcas históricas, mas, e sobretudo, de se valer da importância conceitual que o termo, em sua aplicabilidade, configura, principalmente como um modelo de tecnologia social. De acordo com essa ideia, o conceito de tecnologia a que nos valem os

aproximado das reflexões de Andrew Feenberg (2002), em *Transforming technology. A critical theory revisited*, em que é defendido, pelo autor, que tecnologia é um sistema racional modificante e construtor que é mediado por sistemas culturais, políticos, sociais e democráticos. Desse modo, entendemos que o Quilombo e sua organização social e política é um produtor de conhecimento, no qual se vale de tradições díspares das comumente associadas com a produção de epistemologias. Portanto, enquanto um sistema tecnológico, ele é capaz de ser, sobretudo se nos valem de sua composição ao longo da história, tanto a brasileira como a angolana, um vetor de disputa de poder e, com isso, de narrativas. Portanto, o verbo aquilombar, nesse contexto, vem como uma prática de aplicabilidade tecnológica que, nos casos específicos dos quilombos brasileiros, tinham seus esforços destinados à sobrevivência da população negra.

Nessa perspectiva, com um compromisso de não só entender um materialismo histórico sobre uma determinada configuração social negra, mas, também, tentando ser um projeto continuador das políticas que asseguram, via interferência prática, a inserção de outras perspectivas de trabalho para a classe artística negra, surge, em 2017 em Belo Horizonte, o Aquilombô – Mostra de Arte Negra. Entre os dias dois e treze de agosto desse ano, o evento, que ocorreu no Teatro Francisco Nunes, teve uma participação de mais de 100 profissionais das artes negras, com a intenção de ser um espaço que fosse passível de gerar, mas também de debater, a condição de empregabilidade dessa classe artística e suas especificidades, sobretudo que fosse além das atividades decorrentes do mês da consciência negra². Portanto, a mostra, em sua origem, aparece como um protesto à demanda concentrada de trabalho nos meses de

² Sobre o evento, nesse período, poucos foram os meios de comunicação que divulgaram a atividade, apesar do número maciço de personalidades das artes negras mineira que compuseram a programação. Destaco, entre eles, uma nota no jornal Ego Notícias, assinada por Rodolfo Bracali, intitulada: “Aquilombô – Mostra de Arte Negra”, publicada em 31 de julho de 2017. Além dela, houve uma nota informativa no site G1, assinada por MGTV, intitulada ‘Aquilombô: Mostra de Artes Negras’ é realizada em Belo Horizonte até 13/8, cuja publicação se deu no dia 04/08/2017, dois dias após o início das atividades da mostra. Destaco, ainda, que o mostra ganhou uma nota afirmativa no portal da Prefeitura de Belo Horizonte, intitulada “Aquilombô - Mostra de Arte Negra: programação e resumos”, no dia 28 de julho de 2017. Este último exemplo se justifica pelo apoio da instituição pública na realização do evento.

novembro e que não tem a mesma frequência nos outros meses do ano, bem como de outros sistemas estruturais de preterimento dos artistas negros não só em Minas Gerais, mas como um todo no território nacional.

No ano seguinte, a mostra é transformada em Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô. Nesse ponto, o conceito de quilombô como tecnologia chega em seu auge e, assim, o fórum passa a concentrar suas atividades de maneira perene ao longo do ano de 2018 e 2019, por meio de diversas formas de produção de estéticas negras, cujo os resultados conformariam as mostras ao longo desses dois anos. Para gerar uma viabilidade, o Fórum financiou artistas de diferentes segmentos por meio de residências artísticas, para que eles pudessem se dedicar a produção de linguagens artísticas que tivesse, como linha de diálogo, as tecnologias poéticas afro-brasileiras oriundas de uma epistemologia quilombola. Sobre esse processo, afirma o criador do projeto, Rodrigo Jerônimo, em entrevista concedida ao crítico teatral Guilherme Diniz (2019) para o portal Horizonte da Cena:

O Aquilombô como fórum surge em 2018 a partir da percepção que não existe uma empregabilidade preta na arte, principalmente no que tange a etapa de criação artística. Em 2018 quase 80% dos projetos aprovados na Lei Municipal de Cultura de BH foram aprovadas por pessoas brancas, festivais, mostras e projetos de fomentos são ocupados majoritariamente por pessoas brancas, quando tem negros são negros que não dá prá ignorar no cenário nacional. E nós, os outros? Como ser remunerado para colocar nossa arte e nossa estética em cena? (JERÔNIMO; FARIA, 2019, s./p.)

É importante ressaltar que, para além da idealização e coordenação do Fórum, Rodrigo Jerônimo atua como artista em Minas Gerais, bem como é o diretor do Grupo dos Dez. O Aquilombô, e os resultados por ele gerados, fazem parte de uma história, que está marcada pela trajetória de militância e resistência do Grupo dos Dez, sobretudo pelo espetáculo *Madame Satã*, uma peça que teve um grande sucesso, permanecendo desde 2015 em cartaz e que conta com o elenco e equipe técnica ma-

oritariamente negra. No ano de 2016, o Grupo - representado por Rodrigo Jerônimo - redigiu uma carta em repúdio à programação do Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte (FIT-BH), intitulada “Carta de repúdio à programação do Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte” (JERÔNIMO *apud* OLIVEIRA, 2016), cujo conteúdo levou à uma remodelagem do festival na edição seguinte. A carta, que apresento abaixo na íntegra pela sua importância dentro de uma história recente no cenário teatral belo-horizontino, faz parte de uma composição das formas como o Grupo gestiona o fazer artístico:

O GRUPO DOS DEZ vem através dessa demonstrar sua indignação diante do lançamento da programação do FIT BH 2016.

Aproveitamos para convidar a todos os artistas pretos e não pretos para assinarem a carta abaixo, ou até mesmo para acrescentá-la e enviá-la à Secretaria de Cultura de Minas Gerais e à Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, em seus nomes.

Exigimos do poder público em especial da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte e da Secretaria do Estado de Cultura de Minas Gerais, a participação efetiva no debate da representatividade negra nos eventos e editais desses órgãos, suas secretarias e autarquias, bem como meios de comunicação. Não temos dúvidas que esses órgãos são peças fundamentais para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária. Sabemos que os mesmos foram criados para contribuir efetivamente na política de inclusão das minorias políticas de nossa cidade e de nosso estado.

Partindo da análise da programação, lançada pelo FIT BH, no último dia três de maio de dois mil e dezesseis, entendemos que não há mais espaço para que as curadorias ignorem a representatividade negra nas escolhas de suas atividades. Lembramos que tanto o FIT BH, quanto todos os outros editais públicos, incluindo os Centros Culturais Privados e meios de comunicação pública, devem estar a serviço da construção de um Estado mais justo e igualitário.

Diversos movimentos nesse sentido já estão em curso no país. Conseguimos, diante de muita luta, derrubar liminares que impediam a liberação de recursos do Governo Federal para as artes produzidas e encenadas por negros. Ganhamos todas as lutas judiciais e políticas que travamos! Temos jurisprudên-

cia suficiente para o debate entre os artistas negros e o Estado, para que juntos possamos construir uma sociedade mais justa para nossos irmãos.

Pedimos a abertura de uma sessão do Festival Internacional de Teatro, que privilegie os espetáculos de Teatro Negro e os debates que gostaríamos de fazer com todos os artistas e com esses órgãos supracitados. Reivindicamos a construção coletiva (Sociedade Civil e Poder Público) de uma política que garanta a representatividade e dê a dimensão da diversidade das artes produzida por negros, tanto para as curadorias quanto para os selecionados em editais.

Políticas Públicas Afirmativas para a Cultura em Minas Gerais já! (JERÔNIMO *apud* OLIVEIRA, 2016, s./p.)

Este documento, demarca uma posição política que norteará todos os desdobramentos da composição não só da mecânica do Grupo dos Dez, mas, e sobretudo, um impulso para a criação, bem como pela instauração das relações éticas que tangem o debate sobre criação artística e empregabilidade que estão nos pilares do Fórum Permanente das Artes Negras. Portanto, trata-se de um documento que almeja a construção de outros setores trabalhistas e que fossem alternativa para uma classe trabalhadora que se encontra à revelia das políticas públicas e institucionais da cultura. A carta de repúdio, no entanto, não foi só uma matriz para nortear o Grupo dos Dez e o Aquilombô, mas, como ressalta o crítico Miguel Arcanjo Prado em sua crítica, intitulada “Após pressão, FIT-BH fica mais negro, feminista e LGBTQ+ e conquista 25 mil” (PRADO, 2018), sobre o Festival Internacional de Teatro na edição de 2018 e o rompimento das bases próprias da história do festival:

Com público de mais de 25 mil pessoas entre 13 e 23 de setembro, o 14º FIT-BH (Festival Internacional de Teatro, Palco e Rua de Belo Horizonte) mostrou-se mais negro, feminista e LGBTQ+.

Isso é resultado da pressão popular na última edição do festival bienal, realizada em 2016, quando o evento foi acusado por artistas locais de ser excludente, elitista e colonialista em sua programação histórica desde 1994, quando começou.

Após essa turbulência, e a tal da autocrítica que resultou em um edital público inédito no

Brasil para a formação da atual curadoria, o FIT-BH 2018 investiu na palavra de ordem do momento junto à classe artística mineira: representatividade, dando palco e voz não só a artistas negros, como também a mulheres e corpos LGBTQ+. (PRADO, 2018, s./p.)

As relações que são definidas tanto pela coordenação do Fórum, quanto do Grupo dos Dez, é a perspectiva de uma arte revolucionária, no que tange um debate sobre como implodir a mirada colonizante que é incidida sobre a arte negra, de maneira que “A estética e a arte são uma contribuição para a destruição da colônia e para uma revolução que olhará para as diferenças como potências revolucionárias, pensando sempre a partir da unidade política” (JERÔNIMO; FARIA, 2019, s./p.). As edições do Fórum Permanente das Artes Negras, nos anos de 2018 e 2019, foram realizadas em diversas datas, mesmo que mantendo, nesses dois anos, datas fixas no formato mostra. Além disso, o Fórum descentralizou-se para o interior de Minas Gerais, além de alcançar outros estados brasileiros, buscando, como isso, aproximar mais às tecnologias de expansão territorial que faziam parte, como mencionado por Nascimento, das práticas quilombolas.

A Série Editorial Aquilombô

Em dezembro de 2018, Luiz Henrique Silva de Oliveira, no artigo “Os quilombos editoriais como iniciativas independentes”, reflete que as casas editoriais que veiculam conteúdo afro-brasileiro seriam uma espécie de quilombos. Para Oliveira (2018), em crítica à definição dada por Pierre Bourdieu à função do universo editorial, ou seja, de um espaço de legitimação, troca e transferência de capital simbólico focando, com isso, a construção de centralidades e periferias, coloca em xeque, então, essa naturalização de que há saberes mais e menos importantes para construção de uma sociedade. Em certa medida, o conceito de quilombo por ele trabalhado é transversal ao que defende o Fórum Permanente das Artes Negras. Porém, se para Oliveira o conceito está relacionado à produção de conteúdo diretamente ligados ao universo afrodescendente com a intencionalidade

de uma construção de uma identidade cultural, o Fórum tem um entendimento distinto, uma vez que abrange outras identidades, sobretudo a produção de saber referente à identidade de gênero, com especificidade à identidade trans, bem como defende um valor político de organização social que está imbricada na ideia de quilombo³.

Para uma rápida explicação sobre a Série Editorial, partimos e, principalmente, defendemos a ideia que não se trata de uma editora, principalmente no sentido industrial do termo. Trata-se, então, de uma ação coletiva, que se cria como uma das tantas atividades de residência do Aquilombô – Fórum Permanente das Artes Negras –, porém com um caráter de residência permanente distinguindo-se das demais, que estão pensadas para um período determinado de tempo e com foco em gerar um produto (não necessariamente uma obra artística, mas, também, atividades didáticas, produções intelectuais etc.) por parte do residente. Isto, pois, a Série Aquilombô busca gerar e escoar a relevante produção negra em letras, independente do segmento. Por isso, trabalhamos com a mais variada gama de gêneros textuais, tais como: poesia, teatro, ensaios, prosa e, também, com propostas que sejam, ainda, desconhecidas para nós, portanto, entendemos a Série Editorial como um laboratório de produção de livros.

Não somos a primeira editora focada no nicho de produção em escritos negros, mas somos a primeira que busca gerar, via as residências dos artistas envolvidos no Aquilombô, duas linhas de produção nessa área: a primeira, é ser um espaço democrático de compartilhamento da produção intelectual e artística negra se preocupando com uma paridade, tanto regional, como de gênero, das nossas escritoras

e escritores negros; em segundo, buscamos, ainda, ser uma centro de promoção de produção em arte e pensamento, fundamentados na noção de aquilombamento como resistência. Neste último caso, promovemos, via financiamento, que artistas e intelectuais possam, à revelia dos grandes mercados editoriais, compartilhar suas formas de agir e pensar por meio de um registro permanente. Além do mais, trabalhamos com uma proposta que não onere nossos residentes, de maneira que a publicação fica, em termos financeiros, por conta do Fórum, além de aplicarmos diferentes formas contratuais para cada autor que trabalhamos – como as práticas de direitos autorais que estão acima dos que são trabalhados, comumente, pelo mercado editorial; não criamos contratos que obriguem a obra a manter exclusividade com a Série; fazemos um trabalho editorial bastante próximo do desejo do autor e temos um compromisso de realizar formas de circulação do autor e da obra.

Nesse caminho, volto, mais uma vez, ao conceito de quilombo a que empregamos. Para isso, reforço à ideia de quilombo a partir do resgate do conceito dado por Clóvis Moura (2001), em que, dentro de uma perspectiva histórica em que essa forma de organização se justificava sua existência por via de uma “resistência radical por parte do ser escravizado, era um módulo de protesto organizado, o qual variava de tamanho e de particularidades, região, detalhes, etc. Mas a sua substantividade se expressava na negação do sistema” (MOURA, 2001, s./p.). Empregamos, portanto, esse processo tecnológico de sobrevivência como determinante para nossa produção editorial. Temos um compromisso de pensar, também, o livro como um objeto artístico e com uma identidade específica logo, para nós, o livro não é só um vetor de informações

³ O trabalho realizado por Oliveira é bastante extenso e traz informações relevantes para pensar a publicação negra no território nacional. Como defendido por ele, e que estou completamente de acordo, há um denominador comum nessa determinação, sobretudo a respeito da atuação, que está à contrapelo das grandes casas editoriais, como no trecho a seguir, em que o autor, apresenta, ainda, as casas editoriais por ele analisadas: “Os quilombos editoriais atuam exclusivamente no campo da publicação (principalmente individual de autores negros) e da intervenção cultural. Dentre eles, destacamos a Tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, criadas por Francisco de Paula Brito; a Editora Pallas; a Mazza Edições; a Nandyala Editora; a Editora Ogom’s Toques Negros; a Editora Malê; e a Ciclo Contínuo Editorial. Todas essas casas ou quilombos editoriais, diversos entre si, apresentam um denominador comum: atuam de maneira independente em relação ao grande mercado da ‘arte burguesa’ ou, se ainda quisermos, para além da ‘centralidade do campo literário’, em termos bourdieusianos”. (OLIVERIA, 2018, p. 157-158).

escritas. Para atender à essa demanda, temos uma parceria com o Pi Laboratório Editorial, sobretudo com a editora e pesquisadora Priscila Justina, que, a cada projeto, tem o compromisso de estudar uma solução que esteja alinhada com a proposta textual, entendendo que cada uma dessas publicações devem ser tratadas com a especificidade que o cada texto demanda. Essa opção, por exemplo, nos retira dos meios de grandes editoras, afinal, nesse processo, cada livro tem um período de fabricação mais dilatado que o comum, quando comparado à uma casa editorial que tem sistemas mais industriais de fabricação.

A autoafiliação do Fórum e dos seus resultados como quilombo, em certa medida, está nas possibilidades que podem resultar desse processo e, no que tange o processo de produção livresca, um desejo de buscar alternativas contra as atuais políticas editoriais. Isto se dá, pois, nossa Série quer promover, de forma coletiva, o protagonismo daqueles que, devido questões como raça e orientação sexual e de gênero, não são bem vistos em outras casas, como mostrado na pesquisa “Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro?” (2018), do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UNB coordenada pela Professora Regina Dalcastagnè. Os resultados que esse trabalho apresenta mostram, por exemplo, que, apesar de vivermos em um país cuja maioria da população é negra, esses valores se invertem na produção artística escrita, já que somente 2% das edições corresponde a autores negros – trata-se, nesse caso específico da publicação de romances, mas que pode ser desdobrado para outros gêneros.

***Uma boneca no Lixo*, de Cristiane Sobral**

Em um post de Facebook, datado de 05 de julho de 2018, a escritora Cristiane Sobral faz o seguinte desabafo: “Um texto teatral meu com 20 anos de história completada esse ano e não consigo editora pra publicar. 20 anos inédito! Que tragédia! Fiquei dez anos pra publicar o meu primeiro livro de poesia o *Não vou mais lavar os pratos*” (SOBRAL, 2018, s./p.). A obra a qual a autora remete é *Uma boneca no lixo*, a primeira obra de teatro negro apresen-

tada como projeto de formatura do curso de Teatro da Universidade de Brasília. Esse mesmo trabalho, ficou doze anos em cartaz em diversos teatros brasileiros. Trata-se, portanto, de um texto de extrema importância para o teatro negro contemporâneo e que nesse mesmo ano, em novembro, foi editado e veio a ser a obra que inaugurou a Série Aquilombô.

Rosane Borges, no artigo intitulado “A barbarização e a selvageria tiveram na desinformação um dos seus principais aparatos”, de 2018, utiliza o exemplo da publicação como um alento emancipatório dentro do contexto sócio-político brasileiro. Para a autora, a Série Aquilombô e seus livros “surtem num momento oportuno para contribuir no combate à barbárie e à selvageria, perfilando-se às iniciativas de visibilidade de parte significativa da obra do mundo que foi soterrada” (BORGES, 2018, s./p.) e, especificamente sobre o resultado da edição de *Uma boneca no lixo*, ressalta: “A primeira publicação das Edições, o livro *Uma boneca no lixo*, de autoria da escritora Cristiane Sobral, é um primor de material que impressiona pela leveza e delicadeza” (BORGES, 2018, s./p.). Para Borges, a publicação desse livro coloca em questão um ponto definitivo sobre a literatura negra, que é derrubar a dualidade entre oral e escrito que, muitas vezes, é usado como argumento falacioso para desqualificar a produção negra, devido uma insistente e necessária retomada das tradições negras borradas da historiografia brasileira.

Trata-se de um livro em orientação paisagem, composto por uma luva (uma espécie de capa que se despreza do livro), com ilustrações (assinadas pelo artista plástico Manu Militão), com as músicas do espetáculo em formato de partituras (desenvolvidas por Thiago Quintino) e, além disso, tem um anexo sobre a trajetória artística de Cristiane Sobral. Sobre o conteúdo da peça, ela é composta por um prólogo e 10 cenas que, na edição da Série Aquilombô, são editadas de forma a romper com as edições clássicas de teatro. O projeto gráfico, assinado por Priscila Justina, busca fazer com que a peça mimetize uma espécie de novela curta ou um romance, além de fazer com que haja diálogos diretos entre as ilustrações e a cena narrada. Para

isso, todas as ilustrações aparecem em páginas nobres (de numeração ímpar) e sangradas (vazando pelas bordas da página onde se encontra) gerando, então, uma organicidade entre texto e ilustrações. Já as partituras, que aparece depois de que a canção é mencionada somente pela letra no texto teatral, vão em cor negativa à da publicação, criando uma espécie de janela para ou simulando um hiperlink, que se abre com as músicas.

No que toca à recepção, pode-se considerar que houve uma boa aceitação do público e, também, consideramos como proposta inicial uma obra acertada para iniciar a Série Aquilombô. A tiragem, que faz parte de um protocolo seguido pela Série, é de 500 exemplares e, atualmente, a obra está próximo ao processo de esgotamento.

O teatro Negro de Cidinha da Silva

A segunda obra publicada pela Série, agora no ano de 2019, foi o livro *O teatro Negro de Cidinha da Silva*. Trata-se de uma coletânea das peças que foram escritas pela premiada autora que consta das seguintes peças: *Sangoma – saúde às mulheres negras*, montado pela Capulanas Cia. de Arte Negra, com direção de Kleber Lourenço e direção musical de Naruna Costa; *Engravidai, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* e *Os coloridos*, ambas montadas pela Cia. Os Crespos. Essa edição apresenta dois importantes pontos para a Série, o primeiro, é que se trata de uma estreia editorial da obra dramática de Cidinha da Silva, cujo importância como cronista e contista para a literatura brasileira contemporânea é indiscutível. Em segundo lugar, por ser uma coletânea que foi capaz de gerar um documento sobre a dramaturgia de dois grupos de teatro negro fundamentais para a consolidação profissional de diversos artistas negros no âmbito de São Paulo.

No prefácio da obra, intitulado “O teatro que importa”, que é assinado por mim a partir de um convite da dramaturga, afirmo o valor de documentos que as obras apresentam para traçar outras tradições para nossa historiografia. Dessa forma, esses textos vêm à luz como concorrência de narrativa que é criada quando sujeitos negros empenham-se em contar suas

histórias, portanto, “Esses documentos importam formas de reestruturar nossas existências pela elaboração das nossas complexidades, mas, também, de forma basilar pela compilação de nossas narrativas” (FARIA, 2019, p. 4). Nesse caminho, essa publicação seria outro processo tecnológico que é veiculado pelo Fórum Permanente das Artes Negras, que é a capacidade de registrar a passagem do negro dentro da historiografia brasileira criando uma nova gramática de tradições para a nossa formação nacional. Portanto, concorreremos com a criação de documentos sócio históricos que possam dar conta de entender a complexidade do sujeito negro, mas, e sobretudo, da sua unidade.

Sobre a edição, que também tem o projeto gráfico assinado por Priscila Justina, faço a seguinte descrição: trata-se de um livro impresso em papel de três cores que são intercaladas entre os cadernos, sendo elas: verde, rosa e branco. A costura, um ponto alto desse livro, é visível deixando a lombada à vista e, no caso da capa, ela segue o padrão do miolo, sem diferenciação de material entre eles, como uma simulação às brochuras. Nesse caso, que também é um livro ilustrado, as imagens são usadas com mais moderação e estão resumidas à capa e à folha de apresentação das peças, e são impressas em preto.

Quanto à recepção, levando em conta nosso padrão de publicação, temos uma surpresa maior sobre esse livro, já que ele teve um alto índice de venda, tendo em conta o período curto de tempo em que ele foi impresso. O livro, por exemplo, fez parte do kit de livros do Clube de leitores da Selin Trovoar meses depois de seu lançamento oficial.

Como segue a nossa caminhada? Aquilombando!

Por uma postura abertamente política, todos os livros do nosso catálogo, até agora, são de mulheres negras, tanto os publicados, quanto os que estão no prelo, os quais são um uma publicação que contém parte da dramaturgia de Dione Carlos e um que compila artigos da pensadora Rosane Borges, respectivamente. Tratam-se de importantes escritoras no cenário nacional e que aceitaram participar desse

projeto entendendo as especificidades que ele abriga, inclusive da maneira mais trabalhosa e que podem fazer com o material não seja posto em circulação de maneira tão rápida. Portanto, a estreia da Série com esses nomes, obviamente agrega um valor que corresponde de conteúdo para os nossos trabalhos, o que torna mais um ponto ao optarmos por projetos gráficos mais ousados e que levam um período mais longo para a produção. Após o lançamento desses livros, faremos a publicação da recente pesquisa do Grupo dos Dez, iniciada a três anos, sobre o conceito de Afroapocalipse. Nessa obra, além de um ensaio sobre a pesquisa, constarão as três peças da trilogia, a saber: *Filofobia*, 2018, uma montagem do Grupo dos Dez em parceria com o Grupo In-Cena de Teatro, com direção de Rodrigo Jerônimo e André Luiz Dias e direção musical de Bia Nogueira; *Rueiros*, 2019, montagem do Grupo dos Dez em Parceria com o Grupo Fio Cena, com direção de Rodrigo Jerônimo e direção musical de Bia Nogueira; e *Por onde anda Baquaquea?*, do Grupo dos Dez, direção de Rodrigo Jerônimo e Bia Nogueira e direção musical de Titane. Todas as dramaturgias são assinadas por mim, Marcos Fábio de Faria.

De acordo com o marco epistemológico em que organizamos as atividades do Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô, a saber, o conceito de quilombo e suas tecnologias sociais de sobrevivência, buscamos, não só pela Série, mas por todas as atividades de residências e mostras, agregar os trabalhadores da arte como sujeitos determinantes na mecânica do Fórum. Objetivamente, entendemos que os livros que produzimos é resultado de uma cooperação e, também, como um resultado de uma residência permanente, já que entendemos a Série como um Laboratório editorial.

Quanto ao nosso futuro, seguiremos buscando mecanismos de financiamentos para que os autores não necessitem custear suas publicações. E, na expressão de Oliveira, como somos um quilombo editorial, estamos abertos a recepção de originais para avaliação, bem como abertos a parcerias com outras entidades. Nosso objetivo, ainda, é que a Série seja capaz, assim que tivermos um catálogo mais amplo, de se auto sustentar pela comercialização dos seus

produtos, mas trata-se de um projeto a médio e longo prazo, por hora, o Fórum tem sido o principal financiador das publicações e de todo o processo editorial. Por fim, os nossos livros podem ser encontrados tantos diretamente com as autoras, como pelas páginas do Fórum Permanente das Artes Negras – Aquilombô e do Grupo dos Dez.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Rosane; BORGES, Roberto Carlos da Silva (Org.). Mídia e racismo. Brasília: ABPN, 2012. p. 180-204. Negras e Negros: Pesquisa e Debates.

BORGES, Rosane. A barbarização e a selvageria tiveram na desinformação um dos seus principais aparatos. Carta Capital. São Paulo, 28 dez. 2018. Sociedade, [s.p.]. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-livros-ainda-podem-nos-salvar/?fbclid=IwAR1jMl0f4oiVWJOHV5CZOMddaeDI2TI6ziF55EmwnYgfNsqV6Uljs3LOLk>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. Que é e sobre o que escreve o autor brasileiro. Entrevista a Amanda Massuela. *Cult*, São Paulo, ano 20, n. 231, fev. 2018. p. 14-19.

FARIA, Marcos Fábio de. O teatro que importa. In: SILVA, Cidinha. O teatro negro de Cidinha da Silva. Belo Horizonte: Pi Laboratório Editorial, 2019. p. 5-8. Série Aquilombô.

FEENBERG, Andrew. Transforming technology: a Critical Theory Revisited. New York: Oxford University Press, 2002.

JERÔNIMO, Rodrigo; FARIA, Marcos Fábio de. Negras insularidades: Mostra Aquilombô – arquipélago de criações. Entrevista a Guilherme Diniz. Horizonte da Cena. Belo Horizonte, 11 jul. 2019. Entrevistas, [s.p.]. Disponível em: <<https://www.horizontedacena.com/negras-insularidades-mostra-aquilombo-arquipelago-de-criacoes/>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

MOURA, Clóvis. A quilombagem como expressão de protesto radical. In: _____. (Org.). Os Quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/moura/2001/mes/quilombagem.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Afrodíaspóra*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6 e 7, 1985. p. 41-49.

OLIVEIRA, Cinthya. Artistas criticam falta de representatividade negra no FIT. Hoje em dia. Belo Horizonte, 04 mai. 2016. Almanaque, [s.p.]. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/artistas-criticam-falta-de-representatividade-negra-no-fit-1.381740>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 155-170, out./dez. 2018.

PRADO, Miguel Arcanjo. Após pressão, FIT-BH fica mais negro, feminista e LGBTQ+ e conquista 25 mil. Blog do Arcanjo. São Paulo, 23 set. 2018. Geral, [s.p.]. Disponível em: <<https://www.blogdoarcanjo.com/2018/09/23/apos-pres-sao-fit-bh-fica-mais-negro-feminista-e-lgbtq-e-conquista-25-mil/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Cidinha da. O teatro negro de Cidinha da Silva. Belo Horizonte: Pi Laboratório Editorial, 2019. Série Aquilombô.

SOBRAL, Cristiane. Uma boneca no lixo. Belo Horizonte: Pi Laboratório Editorial, 2018. Série Aquilombô.

Abstract

This article aims to introduce Aquilombô Editorial Series, an activity within the Permanent Forum of Black Arts – Aquilombô. It's a work with a panoramic perspective given that the following points are treated: the quilombo concept and its applicability as an epistemology policy for the employability of black artists; the processes that ended up with creation of the Forum, as its social and political contribution; and ethics and aesthetics that drive the publications of the Aquilombô Series, with a description of its published books.

Keywords

Quilombo as a technology. Permanent Forum of Black Arts. Aquilombô Series.

Recebido em: 17 abr. 2020

Aprovado em: 17 abr. 2020

Publicado em: 13 ago. 2020